



**AS RAÍZES DO MODERNISMO BRASILEIRO: relações entre história e literatura nas obras *Evolução da literatura brasileira* (1905), de Silvio Romero, e *História da literatura brasileira* (1916), de José Veríssimo**

José Fabio da Silva

**RESUMO**

Importantes estudiosos da literatura brasileira, Silvio Romero (1852-1914) e José Veríssimo (1857-1916), não se importaram em somente periodizar as fases da literatura produzida no Brasil. Ocuparam-se, também, em identificar o início de uma literatura genuinamente brasileira, livre da influência direta da produção portuguesa, e definir as características do “modernismo” na produção intelectual nacional. As obras desses autores, declaradamente preocupados com a “evolução literária” brasileira, perpassam a mera crítica literária e nos fornecem um pano de fundo para discutir o papel atribuído à história na construção de uma identidade nacional após a Proclamação da República (1889). Buscamos nesse trabalho abordar as relações entre história, literatura e a maneira como as obras dos autores mencionados definiram a ideia de um “modernismo” brasileiro no alvorecer do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Literatura; Modernismo; Crítica literária; Progresso.

**INTRODUÇÃO**

Abordaremos nesse trabalho, a maneira como a crítica literária brasileira do final do século XIX e início do século XX buscou interligar a ideia de desenvolvimento da literatura com o desenvolvimento nacional. Com esse intuito, tomaremos duas obras que abordaram a história da literatura brasileira produzidas no início do século XX: *Evolução da literatura brasileira* (1905), de Silvio Romero, e *História da literatura brasileira* (1916), de José Veríssimo. Na concepção desses intelectuais, a literatura brasileira se encontrava em um estado de progresso, de acúmulo de conhecimento e desenvolvimento técnico. Simultaneamente, a esperada “evolução nacional” ou processo de modernização brasileira caminhavam na mesma esteira. As fases da literatura brasileira enumeradas por esses críticos demonstravam não só as divisões históricas da literatura brasileira, mas também expectativas relativas ao desenvolvimento Brasil enquanto nação em busca da consolidação de uma identidade própria. Sob essa perspectiva, este trabalho busca perceber não só o papel da literatura na formação de uma identidade nacional, mas de buscar compreender o papel exercido pela crítica a essa literatura nesse mesmo processo. Assim como a historiografia, a crítica literária, ao estabelecer fases e períodos para a literatura também ajuda a construir uma teia temporal e situar nela os acontecimentos tomados como mais relevantes em cada período histórico. A crítica literária por meio da interpretação e reorganização da história



literária do país busca traçar e apontar os caminhos percorridos pela literatura. Exerce, assim, um papel fundamental no trabalho de apuração social, histórica e cultural no discurso literário.

No decorrer do século XIX, o Brasil passou por dois movimentos políticos fundamentais na construção de sua identidade nacional: o processo de independência, em 1882, e a proclamação da República, em 1889. Ambos os movimentos foram marcados por inúmeras contradições tanto no campo político quanto no econômico. No primeiro temos, no campo político, o rompimento os laços coloniais com a coroa portuguesa e a conversão o Brasil monarquia; na esfera econômica, entretanto, temos a “permanência de uma estrutura colonial de produção baseada no braço escravo, organizada em função do mercado externo” (COSTA, 1990: 99). No segundo temos o início de uma modernização do país, com a expansão de estradas de ferro e relativo desenvolvimento industrial. Todavia, a cultura cafeeira, que foi o marco econômico do Segundo Reinado (1841-1889), persistiu e acentuou “a dependência agrícola da economia brasileira que, baseada na monocultura, permanecerá submissa às flutuações dos mercados consumidores.” (PINTO, 1990: 145). Somado a isso, ainda existia questões ligadas à consolidação toda uma problemática que envolvia a presença do negro na sociedade brasileira, perpassando tanto o processo que culminou na Abolição da escravidão, em 1888, quanto às teorias raciais que discutiam a posição do negro frente à sociedade. Paralelamente, também se buscava identificar e definir uma literatura genuinamente brasileira.

A literatura brasileira desse período, conforme Antônio Cândido, é marcada por um caráter de conscientização de sua função histórica, no qual, o Romantismo “foi o episódio da grande tomada de consciência nacional, construindo um aspecto de movimento da independência.” (CANDIDO, v. 1, 2000: 281). Após a independência, a atividade literária foi considerada “parte do esforço da criação de um país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava a diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los.” (*Idem*: 26). Dessa maneira:

Ao longo do século XIX, desde o rompimento do estatuto colonial e o início da construção do Estado nacional no Brasil, colocou-se a necessidade de elaboração de uma historiografia literária capaz não só de assegurar a existência de uma



literatura brasileira, como de pensar e apontar seus caracteres e especificidades. (SEGATTO; LEONEL, 2010: 11).

Nessa perspectiva, não só a literatura, mas também a crítica literária tinham um papel importante na construção de uma identidade nacional para o Brasil. Segundo Antônio Cândido, apesar da crítica literária no período do Romantismo ser em sua maioria medíocre e girar em torno das mesmas ideias básicas, esta foi, do ponto de vista histórico, de importância fundamental, pois orientou os escritores no sentido do nacionalismo literário e, “assim, contribuindo de modo acentuado para o próprio desenvolvimento do movimento romântico entre nós.” (CANDIDO, v. 2, 2000: 293). Dessa maneira, os críticos brasileiros da primeira metade do século XIX, se esforçaram na criação do cânone da história da literatura brasileira e contribuíram na construção de uma identidade nacional para essa literatura. A fundação desses cânones é atribuída, por José Veríssimo, a Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878), com a publicação de *Florilégio da poesia brasileira*, em 1850. O estabelecimento desse cânone, obviamente, não mérito apenas de Varnhagen, mas fruto de discussões entre historiadores e críticos literários brasileiros, que buscavam, após o processo de independência política, em 1822, e a partir de diretrizes oficiais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, construir uma história do Brasil e estabelecer uma identidade da nação por meio de uma literatura genuinamente brasileira. “A História da Literatura Brasileira veio construindo-se, portanto, através das tentativas dos críticos românticos que, inicialmente, buscaram coletar um corpus que justificasse a própria existência de uma literatura que se pudesse chamar de brasileira.” (CAIRO, 2001: 35).

Ao final de 1860, o romantismo passou a ser questionado como movimento literário. Esse processo se deu devido a influência de elementos da cultura europeia como o socialismo, o realismo, a poesia científica, o parnasianismo e pelas concepções filosóficas do positivismo e de perspectivas científicas de cunho evolucionista. Os pensadores desse período queriam criar um conceito próprio e novo sobre o Brasil. “A polêmica, eivada dos preconceitos típicos da época, revela alguns traços recorrentes do pensamento dessa geração: a preocupação com a origem da nacionalidade e o critério étnico para explicá-la.” (MOTA, 2013: 07). A crítica literária, dessa forma, ao definir as características da literatura brasileira, ajudava a definir também, junto com a própria



literatura, um imaginário social sobre o Brasil. “Aponta-se para o Brasil que se quer, e não para o Brasil que se tem, princípio que se tornaria ainda mais claro na geração seguinte, imbuída de preocupações realistas e cientificistas.” (PESAVENTO, 2000: 15-6).

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

Desde meados de 1870 debates entre os mais diversos setores da elite letrada brasileira debatiam o futuro político, econômico e cultural do país. Nesse período, o partido republicano ganha força, os militares mostravam sinais de inquietação e o movimento abolicionista se estruturava. Essa crise no sistema monárquico culminou em sua derroca em novembro de 1889. No meio literário um grupo heterogêneo de letrados, nomeados de “Geração de 1870”, buscou superar os valores do romantismo e definir uma identidade “brasileira” a partir de novos pressupostos.

A vasta produção desses escritores empenhados em compreender, explicar e mostrar a nacionalidade a si mesma revela, para além das representações construídas àquela altura para definir uma identidade “brasileira”, as dificuldades e os impasses que historiadores, romancistas, cronistas e poetas enfrentaram nessa busca de uma unidade essencial que, simultaneamente, distinguiria o Nós e o Outro. (MOTA, 2013: 02).

Por meio da interpretação e reorganização da história literária do país, a crítica literária traça os caminhos percorridos pela literatura e exerce um papel fundamental no trabalho de apuração social, histórica e cultural no discurso literário. “Esse acervo histórico-crítico foi reelaborado, nos últimos decênios do século XIX e início do século XX, por diversos outros intelectuais em estudos da história da literatura brasileira, entre eles, Sílvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo.” (SEGATTO; LEONEL, 2010: 12). Importantes estudiosos da literatura brasileira, esses autores, não se importaram em somente periodizar as fases da literatura produzida no Brasil. Ocuparam-se, também, em identificar o início de uma literatura genuinamente brasileira, livre da influência direta da produção portuguesa, e definir as características do “modernismo” na produção intelectual nacional.

A “geração de 70” propõe a configuração de um cânone literário a partir da edição de histórias da literatura que definem a periodização e a escolha de um



conteúdo formado por escritores, obras, dados históricos e biográficos que refletem a realidade nacional e ratificam a cultura no Brasil. (PEREIRA, 2014: 50).

As obras desses autores, declaradamente preocupados com a “evolução literária” brasileira, perpassam a mera crítica literária e nos fornecem um pano de fundo para discutir o papel atribuído à história na construção de uma identidade nacional ou de um nacionalismo baseado nas perspectivas filosófico-científicas do final do século XIX. Com essa finalidade, como já foi mencionado acima, abordaremos duas obras publicadas nas primeiras décadas do século XX, que buscavam definir a trajetória e a forma de se pensar a história da literatura brasileira até aquele momento: *Evolução da literatura brasileira*, de Silvio Romero, e *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo. Enquanto estudiosos da literatura brasileira, tanto Silvio Romero (1852-1914), quanto José Veríssimo (1857-1916), se esforçaram por periodizar as fases da literatura brasileira, identificar o início e as características da literatura brasileira, e definir as características do “modernismo” na produção intelectual nacional. As obras desses autores, dessa maneira, perpassam a mera crítica literária e nos fornecem um pano de fundo para discutir o papel atribuído à história na construção de uma identidade nacional para o Brasil.

Nota-se que se, por um lado, Sílvio Romero consegue, com sua *História*, estruturar um panorama para a literatura brasileira, tornando-se mais importante como historiador literário, José Veríssimo faz um trabalho de valorização estética em que o “fator individual” do escritor deve estar ligado a uma tradição que remete ao sentimento nacional. (*Idem*: 60).

Apesar de *História da Literatura brasileira (1500-1830)*, de 1888, ser a obra renomada de Silvio Romero sobre o assunto, optamos por utilizar neste trabalho *Evolução da história literária*. Fizemos essa opção por dois motivos. Primeiro, essa obra encontra-se em contexto republicano e cronologicamente situado no século XX. Segundo, o volume em questão sintetiza as ideias a respeito de história literária expostas em *História da literatura brasileira* e em *Compêndios da história da literatura brasileira*, na qual o autor trabalhava na época. A obra de José Veríssimo, publicada em 1916, configura-se como uma colcha de retalhados de outros trabalhos do autor, no qual temos a Introdução, publicada em 1912, e diversos ensaios já publicados em jornais e/ou revistas entre os anos de 1910 a 1912.



As diferenças entre os dois autores não param somente na forma como suas respectivas obras foram compostas. O conceito de literatura e a função da crítica literária são entendidos de forma bastante distinta. Enquanto Silvio Romero “admitia, à maneira dos alemães, um conceito amplo, para o termo literatura, José Veríssimo, apoiando-se nos franceses, vai afiná-lo na medida em que o utiliza apenas para os textos com preocupação estética.” (CAIRO, 2001: 41-2). Para Romero a Poesia, o Teatro, o Romance e o Conto, a Eloquência (oratória), a História, a Crítica e a Filosofia eram enquadradas no rol da produção literária nacional. A crítica literária, por sua vez, era:

*A parte da Lógica aplicada, que estuda as condições que dão origem e as leis que regem o desenvolvimento de todas as criações do espírito humano, científicas, artísticas, religiosas, políticas, jurídicas, industriaes e moraes, e verifica o bom ou má emprego feito de taes leis pelos auctores das referidas criações. (ROMERO, 1905: 90).*

A concepção estética de José Veríssimo, inclusive, era alvo de crítica:

Com José Veríssimo e sequazes a preocupação tem sido obedecer no estudo dos auctores ao critério puramente esthetico: correcção ou não da phrase, bellezas ou não do estylo, abundância ou penúria do vocabulário, boa ou má disposição da matéria, eis os pontos de preferencia estudados. Parece, com esse exclusivismo, uma retrogradação. (*Idem*: 91).

Veríssimo, por sua vez, considerava como literatura apenas as obras nas quais os seus autores a produzissem para esse fim de forma consciente:

Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura. Assim pensando, quiçá erradamente, pois não me presumo de infalível, sistematicamente excludo da história da literatura brasileira quanto a esta luz se não deva considerar literatura. (VERÍSSIMO, s/d: 10).

O autor também não poupou críticas ao conceito de literatura e ao método defendido por Silvio Romero:

Nem se me dá da pseudonovidade germânica que no vocábulo literatura compreende tudo o que se escreve num país, poesia lírica e economia política, romance e direito público, teatro e artigos de jornal e até o que se não escreve, discursos parlamentares, cantigas e histórias populares, enfim autores e obras de todo o gênero. (*Idem*: 10-1).

Tobias Barreto e Machado de Assis constituíam-se outro ponto de divergências na perspectiva dos dois autores. Para Romero, Tobias Barreto, do qual era discípulo, foi uma voz importante que deixou de ser ouvida em um momento crucial do desenvolvimento da literatura e da história do país. Esse fato, para o autor, representou um retrocesso na evolução histórica brasileira, diante do fim do romantismo e de problemas políticos e sociais enfrentados pelo país:

O brasileiro, supposto igual ao europeu, julga-se o primeiro povo d'America. No ultimo momento do romantismo, com a guerra do Paraguay, com problemas politicos e sociaes vários, novos ideiaes philosophicos, abre-se um período de reacção pessimistica, e **Tobias Barreto, despertando-nos de nosso pesado sonho de ilusões** [grifo nosso], tenta arrancar-nos da influencia franceza, mostrando na Allemanha os exemplos a seguir. **É escassamente ouvido, dando-se uma espécie de revivescencia do influxo portuguez e recrudescencia da acção franceza** [grifo nosso], ao lado de outras correntes alienígenas. Morre o romantismo, sob a influencia de um pessimismo geral; ninguém mais acredita na superioridade do brasileiro deante de outros povos quaisquer (ROMERO, 1905: 26).

Em uma das possíveis divisões das fases da literatura brasileira, Romero chega a estabelecer a “época do aparecimento dos Ensaios de Philosophia e Critica de Tobias Barreto” (*Idem*: 44), no ano de 1875, como marco final do período romântico. Veríssimo não ignora a contribuição de Tobias Barreto e da Escola de Recife para o movimento literário brasileiro, todavia, reduz bastante a importância deste no mesmo:

Mas ainda reduzida a estas proporções, que me parecem as verdadeiras, a figura de Tobias Barreto e o seu papel na nossa literatura, **ou mais exatamente na nossa mentalidade** [grifo nosso], é relevante. (...) Apontou, se não abriu, caminhos novos e novas direções à nossa inteligência, criou discípulos em que se lhe frutificaram os ensinamentos e cuja ação foi considerável, suscitou discussões e polêmicas com que agitou o nosso meio intelectual, em suma, deu um forte e útil abalo ao nosso pensamento, como quer que seja no momento inerte. **Não foi, porém, nem um sábio, nem um pensador original ou profundo** [grifo nosso]. (VERÍSSIMO, s/d: 155).

A importância atribuída a obra de Machado de Assis pelos dois autores também seguem rumos distintos. José Veríssimo inaugura uma “vertente para a crítica machadiana, que busca na obra de Machado pulsações filosóficas e existenciais, válidas não só no Brasil, mas em todos os quadrantes.” (GUIMARÃES, 2004: 279). O último capítulo de *História da literatura brasileira* é dedicada exclusivamente a Machado de Assis, que é apontado como o “escritor que é

a mais alta expressão do nosso gênio literário, a mais eminente figura da nossa literatura”. (VERÍSSIMO, s/d: 182). Romero, por sua vez, menciona Machado de Assis apenas de passagem no 2º volume de sua *História da Literatura Brasileira*, de 1888. Em 1897, publicou o livro *Machado de Assis – estudo comparativo de Literatura Brasileira*.

Nessa obra da maturidade romeriana, espécie de súpula do seu antimachadianismo, Romero promete amainar a ferocidade dos seus ataques, mas não se emenda (“eu não recuo; não está nos meus hábitos recuar”) e procura colocar Machado contra seus críticos. Diz que estes em geral são falsos, pois em público elogiam o escritor como uma espécie de sestro, mas nas rodas literárias dizem coisas horríveis sobre ele, coisas que diz ter ouvido mas não vai contar, para não transformar sua crítica em bisbilhotice, e por serem coisas que talvez só coubessem em suas obras póstumas. (GUIMARÃES, 2004: 271-2).

Na obra que é foco deste trabalho, o estilo literário machadiano é definido como *psicologismo humorístico-pessimista*. A crítica ao romancista se mostra mais amena: “Machado de Assis, penetrando no mundo subjectivo de seu próprio pensamento, e trazendo-nos dalli algumas das paginas da mais original psychologia em língua portugueza, é frio, mas correcto na sua imperturbabilidade.” (ROMERO, 1905: 73). O autor ainda coloca Machado de Assis ao lado de José de Alencar e Raul Pompéia e os aponta como o “triumvirato máximo na evolução do romance nacional.” (*Idem*: 73). Segundo Guimarães, “Sílvio Romero, que se auto-intitulava “um justiceiro” e passou boa parte da vida tentando explicar a antipatia por Machado de Assis e exaltar a genialidade de Tobias Barreto.” (2004: 272).

As perspectivas de caráter divergentes por hora apresentadas, todavia, não tornam as duas obras opostas uma da outra. Estas possuem também muitos pontos em comum. Podemos destacar, inicialmente, a periodização da história da literatura brasileira. Ambos os autores estabelecem o romantismo como o divisor de águas da produção literária nacional. Romero, depois de estabelecer diversas formas de periodização, propõe o que ele chamou de “vista synthetica”, reduzindo as classificações em duas fases: “período de formação ou período clássico, de 1592 à 1836; período de desenvolvimento ou de reacções ulteriores, — de 1836 até agora e a continuar pelos annos adiante.” (ROMERO, 1905: 44). O romantismo representa, na visão do autor, a emancipação da literatura brasileira frente a europeia. Veríssimo não se afasta dessa definição, destacando o nativismo e o nacionalismo como característicos da literatura brasileira, o autor defende que “as





duas únicas divisões que legitimamente se podem fazer no desenvolvimento da literatura brasileira, são, pois, as mesmas da nossa história como povo: período colonial e período nacional.” (VERÍSSIMO, s/d: 06).

A periodização definida pelos autores demonstra como elementos como o nacionalismo, a literatura e a história entrelaçavam-se na construção da concepção temporal daquele período. A evolução da literatura, cuidadosamente definida pelos autores, cria um paralelo com o processo histórico nacional. Dessa forma, ignorando as diferenças sociais e os problemas de desenvolvimento econômico enfrentados pelo país, a história da literatura do Brasil traçava uma linha reta que contava a história do país desde o início da colonização e definia o que viria a ser o brasileiro independente e patriota. Como destaca Campos:

Sabe-se que, no Brasil, a constituição de um “pensamento crítico” sobre a literatura reveste de substancialidade histórica e de contributo constitutivo da nacionalidade, na medida em que se fazia necessário que a literatura aqui produzida deixasse de ser apenas objeto de olhares longínquos, curiosos de assinalar exotismos, diferenças e legitimações. (1998: 50).

A emancipação do Brasil, na perspectiva traçada por Romero se deu gradativamente, desde quando os primeiros colonizadores se instalaram no país e, através das gerações, passaram a não me se perceberem como estrangeiros. “O filho do paiz julga-se já mui grande cousa, sem ainda pretender supplantar o europeu.” (ROMERO, 1905: 24). Posteriormente, surge o brasileiro genuíno e branco: “É o tempo da nobreza da terra, do branco filho do paiz: O brasileiro genuíno é esse branco, é esse nobre d’America. Reinam as illusões patrióticas, e o portuguez tem desmerecido de importância.” (*Idem*: 25). Por fim, com o início da alfabetização, o indígena é assimilado no processo:

Mais tarde, pouco mais tarde, dá-se outro passo decisivo: o índio é poetizado e o brasileiro genuíno é-lhe equiparado. É a phase da nobreza indígena, é o tempo da escola mineira, da Independência, seguido de perto da morte do classismo e do advento da era romântica. Nesta desde o primeiro momento o optimismo aumenta: o brasileiro supõe rivalisar com qualquer povo da Europa. (*Idem*: 25).

A história do Brasil, na visão de Romero, é a história da diferenciação gradativa e evolutiva do brasileiro frente ao europeu. Essa diferenciação pode ser observada não na sociedade em si, mas em sua manifestação literária. Processo similar pode ser notado em José Veríssimo. O

autor usa os conceitos de nativismo e nacionalismo para distinguir os períodos da literatura brasileira. Os dois termos são atribuídos simultaneamente, tanto a produção literária, quanto aos indivíduos residentes nas terras brasileiras. O nativismo referia-se aos portugueses residentes no Brasil ainda no período colonial, e o nacionalismo aos brasileiros já emancipados. “No seu primeiro período ela é a dos escritores portugueses nascidos no Brasil, no segundo dos autores brasileiros de nascimento e atividade literária.” (VERÍSSIMO, s/d: 10).

Nas duas perspectivas percebemos o mesmo processo. No primeiro, a literatura produzida no Brasil, “não faz senão imitar inferiormente, sem variedade nem talento, a da mãe pátria. E milagre seria se assim não fosse.” (*Idem*: 21). Todavia, esse princípio de imitação criou uma diferenciação entre a colônia e metrópole tanto na literatura quanto nos sujeitos históricos. Romero traça um paralelo entre o desenvolvimento das letras no país e a expansão da colonização. O colono, com o passar do tempo, deixava de ser estrangeiro: “Era também natural que o desenvolvimento progressivo da cultura, da vida civil, e do conhecimento das riquezas do país, fixando mais o colono ao solo, o fizesse vêr com melhores olhos as bellezas da terra.” (ROMERO, 1905: 31). A história da literatura brasileira desenvolvida pelos dois autores em suas respectivas obras define também a história da nação e de seu povo. Para os autores, assim como a independência significou a emancipação política do país frente a coroa portuguesa, o romantismo simbolizou a emancipação tanto literária quanto cultural. Surgia a partir desse período, não só a literatura genuinamente nacional, mas também o brasileiro “legítimo”. A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. (VERÍSSIMO, s/d: 11).

A evolução literária e a modernização do país tornam-se, sob esse ponto de vista, problemas similares. Os autores, assim como os demais representantes da “Geração de 1870”, buscaram aproximar a História e a Literatura e destas apontarem sistemas explicativos totalizantes para a sociedade brasileira. Essa tarefa, todavia, não se mostrava simples, como destaca Silvio Romero:

O problema theorico da evolução brasileira, quer sob o ponto de vista litterario, quer tomada ella em sua completa generalidade, abrangendo todas as faces da



atividade nacional, não se deixa resolver só pela apreciação da maior ou menor importância que aos nossos próprios olhos tenhamos dado ao nosso país e a nós mesmos. A coisa é muito mais complexa. (1905: 26-7).

Essa complexidade apresentada em face da evolução brasileira, entretanto, era passível de explicação e definição. O pensamento recorrente naquele período, influenciado pelas “filosofias progressistas da história, tributárias do triunfo da razão humana no século cientificista, esclarecessem o significado e a direção dessa existência coletiva – heteroclita, desigual e fragmentada – chamada Brasil.” (MOTA, 2013: 16). Mesmo José Veríssimo, que buscava uma definição de literatura menos abrangente do que a de Romero, não constituía uma exceção desse pensamento generalizante:

Com diverso conceito do que é literatura, e sem fazer praça de filosofia ou estética sistemática, aponta esta apenas a fornecer aos que porventura se interessem pelo assunto uma noção tão exata e tão clara quanto em meu poder estiver, do nosso progresso literário, correlacionado com a nossa evolução nacional. (VERÍSSIMO, s/d: 13).

Podemos assim, notar nessas duas obras mais do que uma tentativa de aproximação entre a História e a Literatura, mas a construção de um modelo explicativo de cunho universal para o processo histórico e social do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica literária e a literatura brasileira do final do século XIX e início do século XX buscou interligar a ideia de desenvolvimento da literatura com o desenvolvimento nacional. Na concepção de Silvio Romero e José Veríssimo, a literatura brasileira se encontrava em um estado de progresso, de acúmulo de conhecimento e desenvolvimento. Essa ideia era recorrente no período, fruto de tendências modernistas advindas da Europa e que, desde meados da década de 1870, influenciavam o pensamento brasileiro de uma forma geral. Esse fenômeno pode ser notado também no próprio desenvolvimento da crítica literária, que a partir dos pressupostos científicos inseria uma nova maneira de tentar compreender o desenvolvimento brasileiro através de ideias mais modernas. Conforme Veríssimo, o “movimento que tenho chamado de modernismo e cujo mais evidente sinal foi, como o europeu de que se originou, o espírito crítico, deu aqui à crítica outra direção e outros critérios.” (VERÍSSIMO, s/d: 180). Esses critérios direcionaram a crítica



literária para novos horizontes, esta deixou de meramente copilar trechos de obras literárias e encaixá-las em determinado estilo. A crítica e a história da literatura ganharam um papel estruturante na descrição do processo histórico nacional.

Começou-se a compreender que a crítica tinha um papel distinto e uma função necessária na literatura e a abandonar os seus processos puramente retóricos por outros em que entravam novos elementos de consideração na apreciação das obras literárias, a história, a psicologia, a etnografia, a sociologia, a política, enfim quanto atuava os escritores e os podia explicar e às suas obras. (*Idem*: 180).

Essa percepção mais crítica e moderna tinha um efeito na própria consciência que se tinha da história no período. A crítica literária passou a ser também sinônimo de uma interpretação histórica. “Imbuído de um espírito de missão nacional, Sílvio Romero foi o grande representante da crítica como interpretação da história, a qual não devia descuidar da verificação nas obras da adequação temática e da correção gramatical.” (CAMPOS, 1998: 54). Simultaneamente, a esperada “evolução nacional” ou processo de modernização brasileira caminhavam na mesma esteira. As fases da literatura brasileira enumeradas por esses críticos demonstravam não só o desenvolvimento da literatura do país, mas também o desenvolvimento do Brasil enquanto nação em busca da consolidação de uma identidade própria frente ao mundo moderno. Apesar das diferenças ressaltadas entre Romero e Veríssimo, cada um, a sua maneira, buscou construir uma interpretação própria da história nacional por meio da periodização da literatura. Conforme Pereira:

A História da literatura brasileira, de José Veríssimo, consegue montar um “modelo clássico nacional” a partir da configuração de uma seqüência de obras literárias, partindo de um ideal de objetividade, que se faz, por meio de um passado acabado, dando ao crítico uma posição de juiz de um presente inacabado. (2014: 51).

No caso de Sílvio Romero, Pereira destaca que “há o privilégio da concretização da unificação nacional, em relação a uma valorização exclusivamente estética dos escritores retratados, com um conceito amplo de literatura como expressão da cultura nacional.” (PEREIRA, 2014: 51). Em José Veríssimo ocorre uma tentativa de dar um passo a frente em relação à evolução da crítica literária nacional. Ao delimitar o que poderia ser considerado ou não como literatura no



Brasil, valorizando a estética em detrimento da mera obra escrita, o autor buscou aproximar a literatura cada vez mais do campo da arte.

## REFERÊNCIAS

CAIRO, Luiz Roberto Veloso. *Memória cultural e construção do cânone literário brasileiro*. SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 4, n. 8, 2001. (p. 32-44).

CAMPOS, Maria do Carmo. *A crítica e a literatura brasileira: metas, desvios e horizontes*. II Fórum de Literatura Brasileira da UFRGS, Instituto Goethe, Porto Alegre, dezembro de 1998. (p. 49-59). Disponível em <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29712/18369>

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos*. Vol. 2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

COSTA, Emília Viotti. "Introdução ao estudo da emancipação política". In: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

GUIMARÃES, Hélio Seixas. "Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do Romance Machadoiano". *Revista Estudos Avançados*, n. 18, 2004. (p. 269-298).

MOTA, M. A. R. *A Geração de 1870 e a invenção simbólica do Brasil*. XXVI simpósio nacional de história. Conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH: Natal, setembro de 2013.

PINTO, Virgílio Noya. "Balanço das transformações econômicas no século XIX". In: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

PEREIRA, Márcio. "José Veríssimo e a Construção Do Cânone Literário Brasileiro: um ponto de vista estético". *CLARABOIA: Revista do Curso de Letras da UENP, Jacarezinho-PR*, n. 1/1, jan./jun. 2014. (p. 49-61).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. "Literatura, História e Identidade Nacional". *Vidya Revista Eletrônica*, v. 19, n. 33, janeiro/junho de 2000 (p. 09-27).  
<http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2000/33/literatura.pdf>

ROMERO, Silvio. *Evolução da Litteratura Brasileira: vista synthética*. [S. l.]: Campanha, 1905. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01615900>

SEGATTO, José Antonio; LEONEL, Maria Célia. "Formação da literatura e constituição do estado nacional". *Itinerários – Revista de Literatura*, Araraquara, nº 30, 2010. (p. 11-30).



VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>